
Coleção Arte Literária

Hiper- Realismo

(Breve Abordagem)

Ensaio

José Luis Ferreira

Uma edição eletrônica não-comercial da



Hiper-Realismo (Breve Abordagem)

de José Luis Ferreira

edição eletrônica não comercial

Casa da Cultura



André Carlos Salzano Masini

Copyright © José Luis Ferreira

Os direitos de todos os textos contidos neste livro eletrônico são reservados a seu autor, e estão registrados e protegidos pelas leis do direito autoral. Esta é uma edição eletrônica (e-book) não comercial, que não pode ser vendida nem comercializada em hipótese nenhuma, nem utilizada para quaisquer fins que envolvam interesse monetário. **Este exemplar de livro eletrônico pode ser duplicado em sua íntegra e sem alterações, distribuído e compartilhado para usos não comerciais, entre pessoas ou instituições sem fins lucrativos.** Nenhuma parte isolada deste livro, que não seja a presente edição em sua íntegra, pode ser isoladamente copiada, reproduzida, ou armazenada em qualquer meio, ou utilizada para qualquer fim. Este livro eletrônico não pode ser impresso. Os direitos da presente edição permitem exclusivamente a leitura através de algum programa de leitura de arquivos PDF. Quaisquer dúvidas podem ser esclarecidas através do e-mail contatos@casadacultura.org

edição eletrônica não comercial

Casa da Cultura



José-Luis Ferreira

HIPER-REALISMO (breve abordagem)

O *Hiper-realismo* constitui, em acepção original, a designação classificativa de uma corrente-livre ou tendencial (cuja caracterização não é propriamente *teórico-movimentalista*, tal como ocorre no Surrealismo, filosófico, técnico-literário, ou prático-virtual), convencionalmente decorrente – a partir dos anos 60 – da pintura exacta de Edward Hopper¹, a que pode atribuir-se a invulgaridade de uma carga emocional frígida e de simbolismo mitigado².

É, porventura, devido a tal facto que o seu nome marca o início da tendência, associado à notoriedade que a sua imensa obra individual viria a alcançar³, por acréscimo à indiferença, ou oposição, à maioria das correntes em voga, mormente com projecção futura: na arte conceptual, dos gestualismos e do abstraccionismo lírico não geométrico, do minimalismo gráfico e das neo-figurações (expressionistas, eruditas ou naïves), ultrapassando a estação-términus da Pop'Art e da op-art.

Nela se inspiraram ou podem associar-se-lhe, técnica e esteticamente (atribuindo-se-lhes as honras do *pioneirismo hiper-realista*), uma leva de artistas (sobretudo dos USA e Canadá), como Chuck Close, Richard Estes e Malcolm Morley⁴, que adoptam posturas formais e propõem enunciados, idênticos (relativamente a uma tipologia comum e diferenciável dos seus coetâneos), no sentido da *reabilitação* contemporânea do figurativismo exímio, assumido enquanto identidade *super*, *supra*, *hiper*, ou *foto-realista*, que se propaga, com significância, às mais recentes gerações.

A proximidade deliberadamente excessiva do real óptico, na meticulosa sofisticação representativa e interpretativa da Figura, com pormenorização e detalhe por vezes levados a extremos – aliás

¹ **Edward Hopper** (1882-1967), considerado «o maior pintor Realista americano do séc.XX», é repescado *post mortem* pelos hyper-realistas, na sua primeira grande exposição nos Estados Unidos, em 1972.

² ao invés do seu brilhante contemporâneo **Thomas Hart Benton**, líder do movimento Realista US (*industrial e urbano*)...

³ ...talvez porque *Hopper* deixa um legado com mais de 2000 obras s.e. ao Whitney Museum of American Art.

⁴ The **Art Grove Dictionary of Art** (2000, Mcmillan Publishers, Ltd), faz tábua rasa do *Photorealism* e do *Hyper Realism* ou *Super Realismo* como estilo movimentista das artes plásticas (pintura, gravura e escultura) essencialmente originário dos USA, na segunda metade da década de 60, «envolvendo a reprodução precisa da fotografia em pintura ou a reformulação minuciosa de objectos reais em escultura» (por máscara directa). Entre os seus *pioneiros*, integra (além dos autores referidos) **Audrey Flack** (n.1931), **Robert Bechtle** (n.1932), **Robert Cottingham** (n.1935), **Richard McLean** (n.1934), **Don Eddy**; e cita ainda escultores como **Duane Hanson** e **John De Andrea** ...embora inclua artistas europeus entre os seus expoentes, como o pintor inglês **John Salt** (n.1937) e o germânico **Franz Gertsch**.

inconsequentes, fora do contexto de cada obra (pictórica ou escultórica) – recorre predominantemente ao descritivismo geométrico (clássico) da perspectiva, conquanto se não pretenda revivalista, nem se postulem (neste género pictural) convicções da *Arte como cópia fotográfica da realidade*. Mas, por outro lado, tende para a integração de elementos surpreendentes, inusitados ou enigmáticos, que invadem, em proporções alógicas, na dimensão e no ambiente espacial do quadro (por exemplo e no caso da pintura de cavalete): quer estabelecendo escalas e tonalidades de cor *inhabituais*, atraentes, ou absorçoras da atenção involuntária do observador, quer na utilização de artifícios oficinais que provocam efeitos subliminares, ou geram *tromps d’oeil*, equacionados em algoritmos, ou soluções expeditas de desenho, cumulativamente perfeccionistas.

Numa acepção de significância autónoma e pan-definitiva (embora de rigor precário) que vários especialistas estimáveis lhe atribuem – na versão inflacionária dos lugar-comuns e termos de gíria – o conceito generalista de *hiper-realismo* pode sintetizar-se admitindo como *suficiente* que a sua «*temática fundamental [...] é a ilusão da realidade e a realidade da ilusão*»⁵, no sentido básico de que «*tudo é como é e, sem embargo, é diferente daquilo que aparenta*»⁶, ou no pretensiosismo absoluto e noção virtuosa da produção de algo «*mais verdadeiro que o real*»⁷.

Fruto de rebeldia elementar ou resposta masscultural aos desafios da competição concorrencial no mercado artístico mundial – concentrado nos centros urbanos norte-americanos e nas capitais da Europa Unida que se alarga ao Leste – o *hiper-realismo* (com *definição conceptual, origem geoestratégica e fronteiras continentais ...ou sem elas!*) deturpará ostensivamente o vulgo real sem postergá-lo, mas sim reformulando a sua anatomia estática, ou enfatizando partes do seu todo.

Assim se adquiriu, num contexto de linguagem plástica, visual e performativa⁸. Expandem-se e propaga-se como uma semântica aceite, na progressão inovadora de registos legíveis, gerando uma dinâmica comportamental própria – nos criadores e produtores que o cultivam – para inocular-se nas sinergias da comunicação semiótica, interactiva e social, acabando por atingir, sensibilizar e seleccionar públicos preferenciais que o acolheram, elegem e promovem.

Todavia, constata-se no nosso quotidiano, com cada vez maior evidência, que as proporções do seu contributo cultural e da sua valia económico-social, no âmbito do *novo* e da *raridade*, autodenunciam a precariedade da sua sobrevivência futura, isolada e (re)criativa.

⁵ segundo **Karin Thomas** (fonte: *Artur de Távola v. 5*)

⁶ expressão banalizada, atribuída a **Howard Kanovitz** um dos pioneiros do «*novo-realismo*» norte-americano

⁷ citação não referenciada, numa comunicação de **Artur de Távola** (*jornalista e senador brasileiro do PSDB-RJ, crítico de Mass Media*) Barcelona, 1993. [fonte internet]

⁸ recordem-se os *happenings* de **Allen Kaprow** (1959), as *performances* ecologistas de **Joseph Beuys**, a *Body Art*, do francês **Yves Klein** e do norte-americano **Bruce Nauman**, etc.

[...] «Nos últimos anos deste século, a Arte sofreu uma clara transformação. Embora, na sua própria essência, seja a mudança permanente, desta vez ela atingiu camadas mais profundas, não se limitando aos aspectos externos. O próprio conceito de Arte é posto em causa. Talvez por isso a Arte nunca tenha alcançado tanta popularidade como hoje» [...] A arte contemporânea tornou-se uma componente natural da sociedade de consumo. Até as obras recém-saídas do atelier de um artista são bem acolhidas e obtêm reconhecimento relativamente rápido», porque «o novo não é durável» mas reflecte o «espírito da época»⁹ em que vivemos: dispensa (marginaliza e supera), em numerosos casos exemplares, o pronunciamento crescentemente contraditório da literatura crítica especializada, do jornalismo opinativo e das raras (por vezes obsoletas) recensões públicas de «connaisseurs» tradicionais, cronistas sociais e «especialistas instantâneos»¹⁰

O âmbito e a massificação radical da Cultura, emergente nas últimas décadas, determinariam alterações profundas nos métodos da análise fenomenológica e de avaliação do seu espectro socioeconómico e político, no pressuposto de hipóteses dinâmicas ainda não sedimentadas.

«A arte dos anos 80 e 90 apresenta-se como uma vasta coabitação de posições extremamente diversas, todas com direito de cidadania, alargando o seu campo de intervenção a domínios como o design, os media, a publicidade, a arquitectura, o cinema, o teatro, a dança e a música» [...]. «Alguns artistas adoptam estratégias sociais em que o autor é mediador de comunicação, actor social, ou até terapeuta. Outros, pelo contrário, negam qualquer função social à arte e insistem na sua autonomia»¹¹, persistindo no exercício de um profissionalismo marginal, de radical libertário, ou puramente aleatório, no domínio da inserção do individual na sociedade.

«Ao fazer-se um exame das correntes artísticas dos anos 80 [...] «fala-se dos novos ‘pintores selvagens’, de uma ‘arte neofigurativa’, de uma nova pintura alemã, austríaca, [(etc.)...] a que se segue, «numa rápida mudança, uma arte com um programa neogeométrico, o ‘neogeo’»¹².

E esta acelerada sucessão (premente, incessante e imatura) de mutações inovatórias prossegue: [...] «ainda os artistas ‘neofigurativos’ e ‘neogeométricos’ de Nova Iorque e Colónia, Paris e Viena, Londres e Milão – que definiam as tendências – não tinham saído dos ateliers para iniciarem as suas digressões organizadas e apresentarem as suas exposições em museus e galerias de arte

⁹ de um texto de **Klaus Honn** in «Contemporary Art» - Taschen

¹⁰ na acepção de **M. Dana Rodna** «Bluff Your Way in Modern Art»|«O especialista instantâneo em Arte Moderna», PÚBLICO/Gradiva, 1996 (revisão técnica(?) de **Alexandre Melo**.

¹¹ **Uta Grosenick/Burckhard Riemschneider** in prefácio da edição «ART At the turn of the Millennium» - Taschen

¹² extracto textual de **Klaus Honn** in «Contemporary Art» - Taschen

*internacionais, já os 'neoconceptualistas' reclamavam a atenção do mundo da arte»*¹³ e exigiam, sem êxito, o privilégio da *novidade* sazonal da crítica que os aplaudira, fomentara e, nessa grande voragem do *mercantilismo oportunista*¹⁴, obviamente, não reconhecia *nada de novo...*

O *hiper-realismo* sobrevive diluído, perde autonomia, mas reganha-se em apropriações estéticas, técnico-oficinais, tecnológicas e, mesmo éticas, filosóficas e massculturais, ultrapassa o interim dos anos 80 e a mudança a-crónica do século (na passagem mítica do milénio!) e reconverte-se numa tendência quase puramente morfológica e utilitária, processual, como fórmula (alternativa, não modular) susceptível de desenvolvimento objectual aplicável (enquanto noção de princípio visual) à pintura oficial de cavalete, no género pictórico de estilo e a outras modalidades plásticas, sejam elas pendentes, independentes ou dependentes, com atributos *inter* ou *trans* disciplinares.

A perenidade tendencial do *hiper-realismo* parece, assim, evidenciar-se como portadora de uma intemporalidade relativa (não-datável e sustentada por forte perpetuidade imagística), surja ela convencionalmente, no histórico dos anos 60, ou atribuam-se-lhe mais remotas origens.

Os seus presumíveis propósitos de registo estático, de fixação da realidade nos habitats urbanos e as suas afinidades com a nitidez virtual irrecusável de algumas posturas temáticas de rigor figurativo (no retrato, na paisagem, na *nature morte...*), poderiam remontar, desde as pré-históricas belas-artes, ao academismo (*pré* e *pós*) impressionista (coincidente com a descoberta e a industrialização revolucionária da fotografia). As lógicas (incontornáveis) da visão futurista e da imaginação onírica freudiana, no «*surrealismo bretoniano*»¹⁵, ou da inventiva libertária, no «*surrealismo não-alinhado*»¹⁶, acabariam, através de diversas vias, por interpelar as consciências da *convicção hiper-realista*, estabelecendo interessantíssimas sinergias e *acasalamentos de estilo* relativamente equilibrados que poderão reclamar-se, indiscriminadamente, do *hiper* e do *surreal*.

Em Portugal, os vestígios originais desse movimento do Realismo Internacional são fátuos e controversamente atravessados, em todas as direcções, pelo miserabilismo crítico e *néon-realista* prolongado, simultaneamente e à margem da cumplicidade conspiratória e da *censura oficial*¹⁷, que desembocam em atitudes do *surrealismo* tardio, isolacionista ou múltiplo-grupal e precário, com desenvolvimentos pós-geracionais não necessariamente convictos e esclarecidos.

¹³ **idem**, *ibidem*

¹⁴ «*táctica de expedientes on marketing para reintrodução de excedentes de produtos banais fora de prazo, com marcas recicladas, através de circuitos comerciais liderados por negociantes inescrupulosos*» J-J. Grisard (apócrifo) 1986

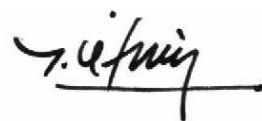
¹⁵ expressão militante do falecido Pintor e diplomata **José Sarmiento**

¹⁶ expressão verbal dilecta do grande Poeta esquecido **Manuel de Castro** (1931-197?).

¹⁷ ...até 1974, substituída no **pós-25 de Abril** (e alongada aos anos 90), pela *miopia politicocultural e do ensino, pelo mecenato fiscal, pela omissão crítica, pela alienação comunicacional e pela consequente apatia dos públicos*

Ignorando, porventura, a investigação paraescolar, a persistência provinciana, ou a caducidade vocacional do alfobre espontâneo da jovem pintura portuguesa (circundante, ou irreverente), na última década do séc.XX, a desinformação crítica e a precipitação da análise histórica, restritiva e monocular, dos investigadores oficiais especializados, rendeu-se às tácticas comerciais de um mercado sem estratégia cultural e acabou na promoção de estereótipos, tornando a criatividade plástica refém indefesa da desqualificação generalizada.

Os cronistas periféricos do caos, na emergência da nova desordem estética, deixam uma herança bibliográfica colossal aos pesquisadores de passados, num futuro que começou ontem.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'J. L. Ferreira', with a horizontal line extending from the end of the signature.

José-Luis Ferreira
Caramulo, 2003

O AUTOR:

José-Luis Ferreira nasceu em Viseu, 1938. Sociólogo, escritor, investigador de arte, gestor e consultor de empresas. Estudou em Paris¹, (e estagiou² em) Bourges³, Orléans⁴, Bruxelas⁵ e Anvers/Antuérpia⁶. Foi professor-convidado (investigador e docente), em cursos de pós-graduação universitária⁷. Dedicou-se, desde a década de 70, a projectos de *marketing-creative* e promocional, de planeamento e gestão empresarial, estudos de *corporate image*, publicidade institucional e *advertising* promocional, em serviços e novos produtos (bens duradouros e de grande consumo)⁸. Tem exercido cargos de administrador, gestor e consultor técnico⁹ em empresas de estudos socioeconómicos e em sectores empresariais (ramos imobiliário, turístico e transportes), tendo participado em vários conselhos de administração¹⁰ de sociedades anónimas, como responsável por pelouros de áreas de gestão technoeconómica e financeira, relações públicas e negociais. Tem vindo a participar (como coordenador, técnico superior¹¹ e consultor) em equipas pluridisciplinares, para estudos de projecto em áreas diversificadas: *turismo de espécie e cultural, infraestruturas de urbanoturismo*, tecnologia industrial, científicas culturais. Tem desenvolvido várias iniciativas e eventos culturais e estudos de investigação (como crítico, promotor, escritor e divulgador de arte¹²), intervindo em peritagens e como membro de júris em concursos, no país e estrangeiro. Exerceu funções de adjunto e assessor em gabinetes ministeriais, participou em comissões do Governo (após 1975¹³) e foi diplomata¹⁴, nos Países-Baixos. Autor de artigos, ensaios, palestras, conferências, monografias e prefácios em catálogos de centenas de exposições de artistas plásticos contemporâneos, participou e interveio em congressos, simpósios e diversos júris de Colectivas, em Portugal e no estrangeiro. Vasta bibliografia (poesia e ficção) editada¹⁵ e inédita. Colaboração esparsa (na imprensa¹⁶ regional e diária, revistas especializadas, rádio e TV¹⁷). Membro, entre outras, das Instituições: *Sociedade Portuguesa de Ciências Sociais e Humanas, Sociedade de Língua Portuguesa, ANAP-Associação Nacional dos Artistas Plásticos*¹⁸, dos Comitês de Portugal para a AIAP- Association Internationale des Arts Plastiques (UNESCO) e Luso-Galaico para o Desenvolvimento Cultural e do Círculo Cultural e Artístico Artur Bual, Ass. Les Amis de Marcel Gili, etc.

e-mail: alcoba@netc.pt

¹ *Sciences Sociales* (UCP Hum.) | 1961-65

² bolseiro do Estado, da Fund. Calouste Gulbenkian, da JTCS, da S. C. C. e outras instituições mecenáticas

³ tese (Dr^{at}) *Intégration des Arts dans l'Architecture des Sociétés Occidentales Contemporaines* (patrono Prof. H.Malvaux) ENSBAAI | 1966

⁴ Assistente do prof. Marcel Gili (Sc.Sociales appliquées. *Sociologie de la sculpture Pth*) | 1964-67

⁵ Institut du travail (ULB Mas^{ter}.) 1971

⁶ Gestion et Planification du *Développement Economique* (lic./M^{ter}PthC) | 1970

⁷ ant.^o Instituto de Orientação Profissional / U.L. (cad.^{ras} de Sociologia I e II e Estruturas Socio-Económicas) e de pós-graduação (Sociologia da Comunicação) in *Cursos de Formação on job*, da RTP - IEFP | 1976-77 e 1993

⁸ Investigação e pesquisa de mercado, estudos, criação e planeamento estratégico em campanhas publicitárias para os *massmedia* (copywriter *sénior* e *Director Criativo*), em agências de publicidade nacionais e estrangeiras: SPSP - Serviço de Publicidade Suíço-Português, Ltd./ Publicis, sa/ Mc Cann Erikson, sa/ Promo-NCK, sa | 1970-76

⁹ Agrinco, sarl / Transitum, Ltd / Probeta, sarl / OPL- urbanisme, architecture, architecture d'intérieurs et décoration / Pref.67/ Calorel,sarl / Silux,Ld./Gab.Est.Eng^o.AlmeidaGarrett/DeltaFoods,Ltd/Interfina,SA/GrupoCentrel-EID,SA/Hidroterra,Ld/ATISO/Socovias,sarl/Tecnobrita,Ltd/ Pereira Costa Ld../Gr^o.Terrazul-Sulpedras / EECOG, Ld. / Arca-Filme / Zoom'out / Vilamoura-LeClub/Compta-RH / Civiconsult,Ltd / Tabaqueira,sa / Operação Capital / etc.|1997-2000

¹⁰ Aga, Editora,Ld./ Turisbel,sarl (Óbidos)/ Urbanitel,sarl / Soc.Com. Guérin,sa / InterRent (gmbh) /Grutas Sra. do Cabo, sa (Sesimbra)| 1979-95

¹¹ quadro superior da Expo'98: Análise-Coordenação|Planeamento Estratégico/D-G.Operações (1997-99), Consultor actual Mkt & Gestão | 2002

¹² autor de estudos monográficos, de vários artigos publ. em livro e na imprensa diária e revistas culturais e de especialidade, de prefácios em catálogos, palestras e conferências, comunicações em simpósios e congressos, em Portugal e no estrangeiro | 1961-2002

¹³ Ministério da Agricultura e Pescas (Assessor e Adj. do Min^o), Presidência do Conselho de Ministros, Secretaria e Subsecretaria de Estado da Comunicação Social: *Comissão de institucionalização INOP- INEO*(Vice-Pres.) | Gab. Estudos de Opinião (*Dir.Serv.*) | 1976-78

¹⁴ Ministério dos Negócios Estrangeiros (*Adido de Imprensa/Cons.Cultural Embaixada de Portugal em Den Haag-Países Baixos*) | 1979-80

¹⁵ Livros inéditos (11) editados (6 títulos)|11 vols. Editores: IPM-MA, Aveiro, Polígono, Porto Universitária Editora) *aut.div.* prefácios e posfácios

¹⁶ desde 1953 (Director da revista ARTE da Sociedade Nacional de Belas Artes 1962/64) últimas publicações in «Espaços», «Casa & Jardim» e Jornal «Artes&Artes» | 2002

¹⁷ RTP (Prod.Ass.1970-71), WDR «Ihre Heimat, Unser Heimat – Soziale Politik & Kulturel» 30 progrs.(*Report Research Cultural Advisor*) | 1982-86

¹⁸ Presidente do Conselho de Parecer Profissional (mandatos suc.^{vos}. , desde 1995, até 2003 Dezembro) | 2002

Visite nosso sítio WEB:



Cultura pura. Sem comércio, sem propaganda, aqui só importa a qualidade da obra

e-Books gratuitos,

Literatura,

Artes Plásticas,

Folclore,

Arte Regional,

Temas em Debate

Conheça nossa seção especial:



o portal do Romantismo Brasileiro e Mundial,

onde você encontra gratuitamente e sem propaganda:

publicações, e-books, downloads, consultas on-line, resumos, biografias, bibliografias, artigos.

romantismo.org



Diretor Geral

[André Carlos Salzano Masini](#)

casadacultura.org

